



Diocese Viana do Castelo

Mensagem para o Dia Mundial da Paz/2023

«Prestarei atenção àquilo que o Senhor Deus vai dizer. Ele tem promessas de Paz para o Seu Povo» (Sl.87, 9)

Cada ano começa por um convite lançado a toda a humanidade a dedicar esforços na edificação da paz.

A Igreja, verdadeira conhecedora do íntimo do ser humano, auscultando o que se vive na sociedade de cada época e portadora de uma mensagem que favorece a edificação da paz, coloca-se ao lado de todos aqueles que se preocupam pelas ameaças constantes à convivência pacífica dos povos e oferece um itinerário seguro para se alcançar a paz.

Perante o mundo actual, em situação de guerra, uma guerra mundial em pedaços, como a classifica o Papa Francisco, as consequências que atingem a humanidade a nível global, gerando maiores focos de pobreza e de marginalidade, a falta de diálogo e a imposição da força como único meio para destruir o outro como adversário, pela reorganização estratégica das grandes potências com ansias de domínio político e económico, somos convidados a ler em profundidade os Sinais dos Tempos que nos tocam viver.

O cristão analisa estes sinais à luz do Evangelho e da tradição viva da Igreja e reconhece os desafios, quer pessoais quer comunitários, que deles emergem para uma actuação renovada e que atenda à dignidade do ser humano e ao bem comum.

Contudo, este é o momento oportuno para que cada um e cada comunidade se questione sobre a responsabilidade que lhes cabe neste processo de intensificação da guerra, da desavença, do ódio e do desprezo pelo seu semelhante.

Sim, não basta lamentarmos os focos de guerras de destruição de populações inteiras e as suas consequências que atingem uma dimensão

planetária, mas igualmente se exige um exame de consciência que nos leve, a todos, a questionarmo-nos que tipo de cultura e de sociedade estamos a construir.

Nada é inócuo; cada decisão, critério, valor, estratégia e proposta tem as suas consequências. Daí, desde os poderes públicos, os que têm nas mãos as decisões dos povos e dos países, passando pela responsabilidades educativas das famílias e das escolas, até ao modo como se promove a verdade na comunicação social e se rejeita a manipulação, culminando num verdadeiro enraizamento da cultura e da sociedade no manancial de vida que a tradição viva de cada povo oferece para a renovação presente em ordem a edificar o futuro com consistência e pleno de esperança e se busque a verdadeira sabedoria que deve acompanhar as grandes decisões para o bem da humanidade, certamente estaremos a promover a paz.

Tal como afirma o Concílio Ecuménico Vaticano II, «mais do que os séculos passados, o nosso tempo precisa de uma tal sabedoria, para que se humanizem as novas descobertas dos homens» (GS. 15). Aliás, «está ameaçado, com efeito, o destino do mundo, se não surgirem homens cheios de sabedoria» (GS. 15).

Neste sentido, devemos reconhecer «que muitas nações, pobres em bens económicos, mas ricas em sabedoria, podem trazer às outras inapreciável contribuição» (GS. 15).

Pelo que diz respeito à Igreja, afirmamos convictamente que «pelo dom do Espírito Santo, o homem chega a contemplar e saborear, na fé, o mistério do plano divino» (GS. 15).

Saber ler os acontecimentos que se revelam como sinais presentes na nossa cultura e na nossa sociedade e procurarmos responder com a sabedoria que não se limita à dimensão racional, mas busca o seu fundamento em Deus que é fonte de toda a sabedoria humana, eis o desafio que deve inquietar e mobilizar.

Apesar destes acontecimentos e linhas de actuação que nos geram perplexidade, medo e quase uma sensação de impotência, somos agraciados pelo convite, continuamente renovado, a edificarmos

comunidades participativas, nas quais todos têm lugar, fazendo delas locais de encontro, de diálogo e por isso, laboratórios de paz e de concórdia.

Acresce ainda, a mobilização de todos à volta dos jovens para a participação nas Jornadas Mundiais da Juventude/Lisboa 2023. Estas são, sem margem de dúvida, um dos maiores acontecimentos promotores e incentivadores para a paz.

Exorto não só à participação de todos os jovens da nossa diocese, inscrevendo-se e actuando energicamente em todos os passos que nos levam até às jornadas, mas igualmente apelo a todas as famílias que, na semana anterior às jornadas, denominada a semana na diocese, abram as suas casas para acolherem jovens vindos de diversas partes do mundo.

Este gesto tem um alcance enorme no diálogo, na abertura ao outro, no conhecimento e respeito por outras culturas, como dimensões importantes para edificar um futuro de paz.

Perante tantos conflitos e com tantas névoas a obscurecer o horizonte, Jesus Cristo abre perante nós itinerários sólidos para caminharmos decididamente pelas sendas da paz.

Contudo, estes itinerários sendo, antes mais dom de Deus, são igualmente exigência de participação activa de todos nós.

Cada ano que começa, quando trocamos saudações dizendo «feliz ano novo», é uma oportunidade que nos é concedida para reflectirmos, rezarmos e empenharmo-nos nos caminhos que nos levam a alcançar a paz profunda e duradoira.

Eis o papel que cabe a cada um pessoalmente, a cada comunidade no seu todo, a cada educador, a cada família e a cada grupo ou movimento, associação ou instituição.

Como afirma o Papa Francisco «a partir da nossa experiência de fé e da sabedoria que se vem acumulando ao longo dos séculos e aprendendo também das nossas inúmeras fraquezas e quedas, como crentes das diversas religiões sabemos que tornar Deus presente é um bem para as nossas sociedades» (FT. 274).

Aliás, «buscar a Deus com coração sincero, desde que não o ofusquemos com os nossos interesses ideológicos ou instrumentais, ajuda a reconhecer-nos como companheiros de estrada, verdadeiramente irmãos» (FT, 274).

Denunciando que «entre as causas mais importantes da crise do mundo moderno, se contam uma consciência humana anestesiada e o afastamento dos valores religiosos, bem como o predomínio do individualismo e das filosofias materialistas que divinizam o homem e colocam os valores mundanos e materiais no lugar dos princípios supremos e transcendentos» (FT, 275); afirma o Santo Padre que «não se pode admitir que, no debate público, só tenham voz os poderosos e os cientistas» (FT, 275).

Na verdade, «deve haver um lugar para a reflexão que provém de um fundo religioso que recolhe séculos de experiência e sabedoria» (FT, 275), acrescenta o Papa Francisco.

Daí que, reconhece o Santo Padre, «embora a Igreja respeite a autonomia da política, não relega a sua própria missão para a esfera do privado» (FT, 276). De facto, «pelo contrário, não pode nem deve ficar à margem na construção de um mundo melhor nem deixar de despertar as forças espirituais» que possam fecundar toda a vida social» (FT, 276).

Isto «implica uma atenção constante ao bem comum e a preocupação pelo desenvolvimento humano integral» (FT, 276). Aliás, «a Igreja tem um papel público que não se esgota nas suas atividades de assistência ou de educação, mas busca a promoção do homem e da fraternidade universal» (FT, 276).

Realmente, sendo a paz uma causa de todos na sociedade, ela merece uma atenção e um empenho singular de todos os que são movidos pela fé, nomeadamente os cristãos e as comunidades cristãs.

Atendendo ao flagelo da pandemia, Covid/19, e actualmente à guerra, o Papa Francisco na mensagem para o dia mundial da paz, deste ano de 2023, afirma que «embora apareçam tão trágicos os acontecimentos da nossa existência sentindo-nos impelidos para o túnel obscuro e difícil da injustiça e do sofrimento, somos chamados a manter

o coração aberto à esperança, confiados em Deus que Se faz presente, nos acompanha com ternura, apoia os nossos esforços e sobretudo orienta o nosso caminho» (nº 1).

Tendo como lema «ninguém pode salvar-se sozinho. Juntos, recomeçamos a partir de Covid – 19 para traçar sendas de paz», no texto da referida mensagem desafia-nos dizendo que «não podemos continuar a pensar apenas em salvaguardar o espaço dos nossos interesses pessoais ou nacionais, mas devemos repensar-nos à luz do bem comum, com um sentido comunitário, como um “nós” aberto à fraternidade universal» (nº 5).

Aliás, «não podemos ter em vista apenas a proteção de nós próprios, mas é hora de nos comprometermos todos em prol da cura de nossa sociedade e do nosso planeta, criando as bases para um mundo mais justo e pacífico, seriamente empenhado na busca dum bem que seja verdadeiramente comum» (nº 5).

Verdadeiramente a paz exige um compromisso comum e alicerces sólidos assentes num verdadeiro humanismo, do qual terá de fazer parte sublime a comunhão com Deus, para ser robusta e duradoira.

Termino, expressando os meus votos de feliz ano novo para todos os diocesanos, os que estão no nosso território e os que estão na diáspora, às famílias, às crianças, jovens e idosos, mas sobretudo aos mais pobres e marginalizados, aos que estão presos e aos doentes e a viver na solidão.

Imploro de Nossa Senhora, Mãe de Jesus e nossa Mãe, de S. Bartolomeu dos Mártires, de S. Teotónio, de S. Paulo VI e de S. João Paulo II que abençoem todos os diocesanos de Viana do Castelo e que nos encaminhem pelas sendas da paz e da comunhão fraterna.

Viana do Castelo, 28 de Dezembro de 2022

+João Lavrador, Bispo de Viana do Castelo